



Reflexões sobre Aliança e Missão

30.09.2002 | Consulta do Conselho de Sinagogas e do Comitê dos Bispos para As

12 de agosto de 2002

Reflexões sobre Aliança e Missão

Consulta do Conselho
de Sinagogas e do
Comitê dos Bispos
para Assuntos
Ecumênicos e Inter-
religiosos 12 de
agosto de 2002

PREFÁCIO

Durante mais que vinte anos, líderes das comunidades judaica e romano-católica nos Estados Unidos encontraram-se anualmente para discutir uma ampla série de tópicos que afetam as relações católicas-judaicas. Correntemente, os participantes nessas consultas em curso são delegados do Comitê dos Bispos sobre Assuntos

Ecumênicos e Inter-religiosos da Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos (BCEIA) e o Conselho Nacional de Sinagogas (NCS). O NCS representa a Conferência Central dos Rabis Americanos, a Assembléia Rabínica do Judaísmo Conservativo, a União de Congregações Hebraicas Americanas e a Sinagoga Unida do Judaísmo Conservativo. A Consulta é co-presidida por Sua Eminência William Cardeal Keeler, o moderador para as relações católicas-judaicas, e o Rabi Joel Zaiman, da Assembléia Rabínica do Judaísmo Conservativo e o Rabi Michael Signer da União de Congregações Hebraicas Americanas. Os diálogos produziram previamente declarações públicas sobre assuntos tais como Crianças e o Ambiente e Atos de Ódio Religioso.

No seu encontro realizado em 13 de

março de 2002 na cidade de Nova York, a Consulta de BCEIA-NCS votou em despachar publicamente as suas considerações, a fim de encorajar reflexão séria sobre esses assuntos pelos judeus e católicos em todo a área dos Estados Unidos. Depois de tomar tempo para refinar as declarações, as reflexões separadas romano-católicas e judaicas sobre os assuntos de Aliança e Missão serão apresentadas em baixo.

As reflexões romano-católicas descrevem o crescente respeito pela tradição judaica que se desenrolou desde o Concílio Vaticano Segundo. Uma apreciação católica, que se aprofundava, da aliança eterna entre Deus e o povo judaico, junto com um reconhecimento duma missão divinamente dada aos judeus para testemunhar o amor fiel de Deus, levou a conclusão que dirige a campanha de que visar os judeus para a conversão à

Cristandade não
seja mais
teologicamente
aceitável na Igreja
Católica.

As reflexões
judaicas descrevem
a missão dos
judeus e a perfeição
do mundo. Essa
missão é vista como
tendo três aspetos.

Primeiro, há
obrigações que
surgem como
resultado da
amorosa eleição do
povo judaico numa
aliança com Deus.

Segundo, há
missão de
testemunho do
poder redentivo de
Deus no mundo.

Terceiro, o povo
judaico tem uma
missão que se
dirige a todos os
seres humanos.

As reflexões
judaicas concluem
instando em que os
judeus e os cristãos
articulem agenda
comum para curar o
mundo.

A Consulta NSC-BCEIA preocupa-se com a ignorância e as caricaturas continuadas de uns dos outros, as quais ainda prevalecem em muitos segmentos das comunidades católica e judaica. A esperança da Consulta é que essas reflexões sejam lidas e discutidas como parte dum processo em curso de incrementar o entendimento mútuo.

A Consulta NSC-BCEIA reafirma o seu cometimento para continuar aprofundando o nosso diálogo e promover amizade entre as comunidades católica e judaica nos Estados Unidos.

REFLEXÕES ROMANO-CATÓLICAS

Introdução

Os dons trazidos pelo Espírito Santo à Igreja através da Declaração *Nostra Aetate* do Concílio

Vaticano Segundo
continuam-se
desembrulhar. As
décadas desde
1965
testemunharam
aproximação
constante entre a
Igreja Romano-
Católica e o povo
judaico. Apesar de
que controvérsias e
mal-entendidos
continuem
ocorrendo, tem
havido um
aprofundamento
gradual de
entendimento
mútuo e propósito
comum.

*Nostra Aetate
inspirou também
uma série de
instruções
magistrais, incluindo
três documentos
preparados pela
Comissão Pontifícia
para as Relações
Religiosas com os
Judeus:*

*Guias e Sugestões
para a
Implementação da
Declaração
Conciliar Nostra
Aetate 4 (1974);*

*Notas sobre o Modo
Correto de
Apresentar os
Judeus e o
Judaísmo na
Pregação e Ensino
na Igreja Romano-*

Católica (1985); e
Nós nos
lembramos: Uma
Reflexão sobre a
Shoáh (1998).

O Papa João Paulo
II ofereceu muitos
discursos,
engajando-se em
várias ações
importantes que
promoveram a
amizade católica e
judaica.

Foram também
compostas
numerosas
declarações
referentes a
relações católicas-
judaicas pelas
conferências
nacionais dos
bispos católicos ao
redor do mundo.
Nos Estados
Unidos, a
conferência dos
bispos católicos e
os comitês desta
despacharam
muitos documentos
relevantes, inclusive
Guias para as
Relações Católicas-
Judaicas (1967,
1985); *Critérios*
para a Avaliação
das Dramatizações
da Paixão (1988); *A*
Graça de Deus
Dura para Sempre:
Guias para a
Apresentação dos
Judeus e do
Judaísmo na
Pregação (1988); e
mais recentemente

*Ensinamento
Católico sobre a
Shoáh:
Completando Nós
nos Relembramos
da Santa Sé (2001).*

Inspeção dessas
declarações
católicas sobre as
poucas décadas
passadas, mostra
que consideravam
progressivamente
mais e mais
aspetos do
complexo
relacionamento
entre os judeus e
os cristãos, junto
com o seu impacto
sobre a prática da
fé católica. Essa
obra, inspirada por
Nostra Aetate
iniciou esse pensar
citando Romanos
11,28-29,
descrevendo o
povo judaico como
“muito querido por
Deus, por causa
dos patriarcas,
desde que Deus
não retoma os
seus dons que deu
ou a escolha que
fez.” João Paulo II
ensinou
explicitamente que
os judeus são “o
povo de Deus da
Antiga Aliança,
nunca revogada por
Deus”, “o povo do
dia presente da
aliança concluída
com Moisés”, e
“parceiros numa
aliança de amor
eterno que nunca
foi revogada”.

O reconhecimento católico pós-*Nostra Aetate* da permanência do relacionamento com Deus da aliança do povo judaico, levou a uma nova consideração positiva da tradição judaica rabínica pós-bíblica, consideração essa que está sem precedente na história cristã. As *Guias* do Vaticano insistiram que os cristãos “devem esforçar-se a aprender por quais traços essenciais os judeus se definem a si mesmos à luz da sua própria experiência religiosa”. As *Notas* vaticanas louvaram o Judaísmo pós-bíblico por carregar “ao mundo inteiro testemunho - muitas vezes heróico - da sua fidelidade ao Deus único, ‘exaltando-O perante todos os vivos’ (Tobias 13,4)”. As *Notas* continuam referindo-se a João Paulo II, que exorta os cristãos que se lembrem “como a permanência de Israel está sendo acompanhada dum fecundidade espiritual contínua, no período rabínico, na Idade

Média e nos tempos modernos, tomando o seu ponto de partida do patrimônio que compartilhamos por extenso, tanto que ‘a fé e a vida religiosa do povo judaico, como professadas e praticadas ainda hoje, podem-nos ajudar muito para entender melhor certos aspetos da vida da Igreja’ (João Paulo II, 6 de março de 1982).” Esse tema tem sido assumido em declarações pelos bispos dos Estados Unidos, tais como *A Graça de Deus para Sempre*, a qual informou os pregadores para “serem livres de haurir das fontes judaicas (rabínicas, medievais e modernas) no expor o sentido das Escrituras Hebraicas e dos escritos apostólicos”.

A “fecundidade espiritual” do Judaísmo pós-bíblico continuou em países nos quais os judeus eram minúscula minoria. Isso era verdade na Europa cristã, ainda que, como o cardeal Ídris Cassidy notou, “a partir do tempo

do Imperador Constantino, os judeus foram isolados e discriminados contra o mundo cristão. Havia expulsões e conversões forçadas. A literatura propagava estereótipos [e] a pregação acusava os judeus de qualquer idade de deicídio”. Esse sumário histórico intensifica a importância do ensino das *Notas* vaticanas de que “A permanência de Israel (enquanto tantos povos antigos desapareceram sem traços) é fato histórico e sinal a ser interpretado dentro do projeto de Deus”.

O conhecimento da história da vida judaica na Cristandade causa textos bíblicos tais como Atos 5,33-39 que sejam lidos com olhos novos. Nessa passagem o fariseu Gamaliel declara que só empreendimentos de origem divina podem durar. Se o princípio do Novo Testamento estiver sendo considerado pelos cristãos de hoje para ser válido para a Cristandade,

então precisa ser logicamente também valer para o Judaísmo pós-bíblico. O Judaísmo Rabínico, que se desenvolveu depois da destruição do Templo, precisa também ser “de Deus”.

Além dessas considerações teológicas e históricas, nas décadas desde *Nostra Aetate*, muitos católicos foram abençoados com a oportunidade de experimentar pessoalmente a rica vida religiosa do Judaísmo e os dons de santidade de Deus.

A Missão da Igreja: A Evangelização

Tais reflexões sobre as experiências da eterna vida de aliança com Deus do povo judaico levantam perguntas sobre a tarefa cristã de dar testemunho dos dons de salvação, os quais a Igreja recebe através da sua “nova aliança” em Jesus Cristo. O Concílio Vaticano Segundo resume a

missão da Igreja
como segue:

Enquanto
ajudando ao
mundo e
recebendo
muitos
benefícios
disso, a
Igreja tem
uma
intenção
singular: que
o reinado de
Deus venha,
e que a
salvação de
toda a raça
humana
venha a se
realizar.
Pois
qualquer
benefício
que o Povo
de Deus,
durante a
sua peregrina-
ção
terrestre,
puder
oferecer à
família
humana,
origina-se
do fato de
que a
Igreja é “o
sacramento
universal de
salvação”, si-
multaneame-
nte manifest-
ando e
exercendo o
mistério do
amor de
Deus pela h-
umanidade.

Essa missão da Igreja pode ser resumida em uma palavra: evangelização. O papa Paulo VI deu a definição clássica: “A Igreja aprecia que evangelização significa levar a boa nova a cada setor da raça humana, assim que, pela sua força, pode entrar nos corações dos homens, renovando a raça humana.” A evangelização refere-se a um complexo de realidade que, por vezes, está sendo mal entendido, reduzindo-a somente à procura por novos candidatos para o batismo. É a continuação da Igreja na missão de Jesus Cristo, o qual incorporou a vida do reinado de Deus. Como o Papa João Paulo II o explicou:

O reinado é a preocupação de cada um: indivíduos, sociedade e o mundo. Trabalhar para o

reinado
significa
reconhecer
e promover
a atividade
de Deus, a
qual está
presente
na história
humana e a
transforma.
Construir o
reinado
significa
trabalhar
para a
liberação do
mal em
todas as
suas formas.
Em uma
palavra, o
reinado de
Deus é a m
anifestação
e a
realização
do plano de
Deus de
salvação em
toda a
plenitude
desta.

Deve ser enfatizado
que a
evangelização, o
trabalho da Igreja
pelo reinado de
Deus, não pode
ser separada da
sua fé em Jesus
Cristo, em quem os
cristãos encontram
o reinado
“presente e
cumprido”. A
evangelização inclui
as atividades da
Igreja de presença

e testemunho;
comprometimento ao
desenvolvimento
humano e libertação
humana; culto,
oração e
contemplação
cristãos; diálogo
inter-religioso; e
proclamação e
catequese.

Essa última
atividade de
proclamação e
catequese - o
convite para
comprometimento da fé
em Jesus Cristo e
para entrar, através
do batismo, na
comunidade dos
fiéis, a qual é a
Igreja” - estão
sendo, por vezes,
pensados como
sendo sinônimos da
“evangelização”.
No entanto, isso é
construção muito
estreita, sendo de
fato só um entre
muitos aspectos da
“missão
evangelizadora” no
serviço do reinado
de Deus. Assim, os
católicos que
participam no
diálogo inter-
religioso, destituído
de qualquer
intenção, seja qual
for, de convidar o
parceiro de diálogo
ao batismo, estão
sendo, não
obstante,
testemunhando a
sua própria fé no
reinado de Deus
incorporado em

Cristo. Isso é forma
de evangelização,
modo de engajar-se
na missão da Igreja.

A evangelização e o povo judaico

A Cristandade tem
um relacionamento
sem par com o
Judaísmo, porque
“as nossas duas
comunidades
religiosas são
conexas e
estritamente
relatadas no próprio
nível das suas
respectivas
identidades
religiosas”.

A história de
salvação
esclarece o
nosso relaciona-
mento
especial
com o povo
judaico.
Jesus
pertence ao
povo
judaico,
inaugurando
a Igreja
dentro da
nação
judaica.
Grande
parte das
Sagradas
Escrituras,
que nós

cristãos
lemos como
a palavra de
Deus,
constituem
patrimônio
espiritual
que compart
ilhamos com
os judeus. C
onseqüente
mente,
qualquer
atitude
negativa a
respeito
dessas deve
ser evitada,
já que “a fim
de ser
bênção
para o
mundo, os
judeus e os
cristãos
precisam
primeiro ser
bênção uns
aos outros”.

Na esteira de
Nostra Aetate,
houve apreciação
católica
aprofundada em
muitos aspetos do
nosso ligamento
espiritual único com
os judeus.
Especificamente, a
Igreja Católica
chegou a
reconhecer que a
sua missão de
preparar para a
vinda do reinado de
Deus é uma que é
compartilhada com
o povo judaico,
mesmo que os

judeus não
concebiam a sua
tarefa
cristologicamente
como o faz a Igreja.
Assim, as *Notas*
vaticanas de 1985
observam:

Atentos ao
mesmo
Deus que
falou,
pendurados
na mesma
palavra,
temos de
testemunhar
a mesma
memória e
esperança
única
comum nEle
que é o
mestre da
história.
Temos
também de
aceitar a
nossa respo
nsabilidade
de preparar
o mundo
para a vinda
do Messías,
colaborando
juntos para
a justiça
social, o
respeito
pelos
direitos das
pessoas e
nações e
para a recon
ciliação
social e inter
nacional. A
isso
estamos

sendo
impelidos,
judeus e
cristãos,
pelo
comando de
amar o
nosso
vizinho, por
uma
esperança
comum pelo
Reinado de
Deus e pela
grande
herança dos
profetas.

Se a Igreja,
portanto,
compartilha numa
tarefa central e
definidora com o
povo judaico,
quais são as
implicações para a
proclamação cristã
da Boa Nova de
Jesus Cristo?
Devem os cristãos
convidar os judeus
para o batismo?
Essa é questão
complexa, não só
em termos da
autodefinição
teológica cristã,
mas também da
história de cristãos
batizando judeus a
força.

Num notável e
ainda mais
pertinente papel de
estudo,
apresentado no
sexto encontro do

Comitê
Internacional
Católico-Judaico de
Ligação em Veneza
faz vinte-e-cinco
anos, o professor
Tommaso Federici
examinou as
implicações
missiológicas de
Nostra Aetate.
Argüiu, em razões
históricas e
teológicas que, na
Igreja, não deveria
haver
organizações
quaisquer,
dedicadas à
conversão de
judeus. Isso foi de
fato, durante os
anos seguintes, a
prática da Igreja
Católica.

Mais recentemente,
o cardeal Walter
Kasper, presidente
da Comissão
Pontifícia para
Relações Religiosas
com os judeus,
explicou essa
prática. Numa
declaração formal,
feita primeiro no
décimo sétimo
encontro do Comitê
Internacional
Católico-Judaico de
Ligação em maio
de 2001 e repetida
mais tarde no
mesmo ano em
Jerusalém, o
cardeal Kasper
falou de “missão”
num sentido restrito
significando
“proclamação” ou o
convite ao batismo

e à catequese.
Mostra porque tais
iniciativas não se
dirigem
apropriadamente
aos judeus:

O termo
missão, no
seu sentido
próprio,
refere-se à
conversão
de deuses
falsos e
ídolos ao
Deus
verdadeiro e
único, o qual
se revelou
na história
de salvação
com o Seu
povo eleito.
Assim a
missão, no
seu sentido
estreito, não
pode ser
usada a
respeito
dos judeus,
que crêem
no
verdadeiro e
único Deus.
Portanto, e
isto é caract
erístico,
existe
diálogo, mas
é que não
existe
qualquer
organização
missionária
católica para
os judeus.

Como o já
temos dito, o
diálogo não
é mera
informação
objetiva,
diálogo
envolve a
pessoa
inteira.

Somente no
diálogo os
judeus dão
testemunho
da sua fé,
testemunho
daquilo que
os apoiava
nos períodos
escuros da
sua história
e da sua
vida, e os
cristãos dão
conta da sua
esperança
que têm em
Jesus
Cristo.

Fazendo
isso, ambos
estão longe
de qualquer
espécie de
proselitismo,
mas ambos
podem
aprender
uns dos
outros, enriq
uecendo uns
aos outros.

Nós ambos
queremos
compartilhar
as nossas
preocupaçõ
es mais
profundas
por um
mundo
muitas
vezes desori
entado, o

qual precisa
tal
testemunho
e o procura.

Do ponto de vista
da Igreja Católica, o
Judaísmo é religião
que nasce de
revelação divina.
Como o cardeal
Kasper notou, “a
graça de Deus, a
qual é a graça de
Jesus Cristo
segundo a nossa fé,
está disponível para
todos. Portanto, a
Igreja crê que o
Judaísmo, isto é a
resposta fiel do
povo judaico à
aliança irrevogável
de Deus, é salvífico
para eles, porque
Deus está sendo fiel
às Suas
promissões.”

Essa declaração
sobre a aliança
salvadora de Deus
é completamente
específica para o
Judaísmo. Se bem
que a Igreja
Católica respeite
todas as tradições
religiosas, podendo,
através do diálogo
com elas, discernir
as influências do
Espírito Santo e, se
bem que creiamos
que a infinita graça
de Deus esteja
certamente
disponível a fiéis de

outras fés, é só sobre a aliança de Israel que a Igreja possa falar com certeza do testemunho bíblico. Isso é porque as escrituras de Israel formam parte do nosso cânon bíblico, possuindo “valor perpétuo ... o qual não tem sido cancelado pela interpretação posterior do Novo Testamento”.

Segundo o ensinamento romano-católico, tanto a Igreja como o povo judaico permanecem em aliança com Deus. Nós ambos, portanto, temos missões diante de Deus a empreender no mundo. A Igreja crê que a missão do povo judaico não está restrita ao seu papel histórico como o povo do qual Jesus nasceu “segundo a carne” (Rm 9,5) e de quem os apóstolos da Igreja vieram. Como o cardeal Joseph Ratzinger escreveu recentemente: “A providência divina ... tem obviamente dado a Israel uma missão particular nesse ‘tempo dos gentílicos’.” Somente o próprio povo judaico,

porém, pode
articular a sua
missão “à luz da
sua própria
experiência
religiosa”.

No entanto, a Igreja
percebe que a
missão do povo
judaico *ad gentes*
(às nações)
continua. Essa é
uma missão que a
Igreja também
persegue no seu
modo próprio de
acordo com o seu
entendimento da
aliança. O mando
do Jesus
Ressuscitado em
Mateus 28,19 de
fazer discípulos “de
todas as nações”
(grego = *etnê*, o
cognato hebraico =
goyim; isso é das
nações que não
sejam Israel)
significa que a
Igreja deve dar
testemunho no
mundo à Boa Nova
de Cristo, como
assim preparar o
mundo para a
plenitude do reinado
de Deus. No
entanto, a tarefa
evangelizadora não
mais inclui o desejo
de absorver a fé
judaica na
Cristandade,
terminando assim o
testemunho
distintivo dos
judeus de Deus na
história humana.

Assim, enquanto a Igreja Católica considera o ato salvador de Cristo como central para o processo da salvação humana para todos, também reconhece que os judeus já habitam na aliança salvadora com Deus. A Igreja Católica deve sempre evangelizar e vai sempre testemunhar a sua fé na presença do reinado de Deus em Jesus Cristo aos judeus e a todas as outras pessoas. Fazendo isso, a Igreja Católica respeita plenamente os princípios da liberdade religiosa e da liberdade da consciência, assim que convertidos individuais sinceros de qualquer tradição ou povo, incluindo o povo judaico, sejam bem-vindos e aceitos.

No entanto, agora reconhece que os judeus são também chamados por Deus para prepararem o mundo para o reinado de Deus. O seu testemunho do reino, o qual não se originou com a experiência da Igreja de Cristo crucificado e ressuscitado, não

deve ser mutilado
tentando a
conversão do povo
judaico à
Cristandade. O
testemunho
distintivo judaico
deve ser sustido,
se os católicos e os
judeus forem
verdadeiramente
para ser, como o
Papa Paulo II o
visionou, “uma
bênção uns aos
outros”. Assim está
de acordo com a
promissão divina
expressa no Novo
Testamento, que os
judeus são
chamados para
“servirem a Deus
sem medo, em
santidade e retidão
diante de Deus para
todos os [seus]
dias” (Lucas
1,74-75).

Com o povo
judaico, a Igreja
Católica, nas
palavras de *Nostra
Aetate*, “aguarda o
dia, conhecido por
Deus só, quando
todos os povos
clamarão a Deus
com uma só voz,
servindo-O ombro a
ombro” (Sf 3,9; veja
Is 66,23; Sl 65,4;
Rm 11,11-32).

REFLEXÕES JUDAICAS

A Missão dos Judeus e a Perfeição do Mundo

Na procura sem fim
de trazer sentido à
vida, as
comunidades,
justamente como os
indivíduos, tentam a
definir a sua missão
no mundo. Assim,
certamente, o é
para os judeus.

A missão dos
judeus faz parte da
missão tripartite que
está radicada na
Escritura,
desenvolvendo-se
nas fontes judaicas
posteriores.

Há, primeiro, a
missão de *aliança*:
o ímpeto sempre-
formativo para a
vida judaica, do
qual resulta a
aliança entre Deus
e os judeus.

Segundo, a missão
de *testemunho*, pela
qual os judeus se
vêm (e são
freqüentemente
vistos por outros)
como as
testemunhas
eternas de Deus da
Sua existência e
do Seu poder

redentor no mundo.

E terceiro, a missão de *humanidade*, missão essa que entende a história bíblica dos judeus como contendo mensagem a mais gente do que os judeus só.

A Missão da Aliança

Os judeus são a semente de Abraão, Isaac e Jacó, a incorporação física da aliança de Deus com esses ancestrais.

Abraão não só parte em viagem à Terra de Canaã depois de ser chamado por Deus, mas, quando tinha noventa anos de idade, Deus lhe aparece dizendo-lhe: “Anda nos Meus caminhos e seja imaculado. Vou estabelecer a Minha aliança entre Mim e ti, fazendo-te extremamente numeroso.” A aliança é descrita como “eterno, ... para ser Deus para ti e tua descendência por vir”. A aliança

envolve a Terra de Canaã, a qual é posse eterna. Há símbolo físico da aliança: a circuncisão de todos os masculinos no oitavo dia das suas vidas.

A aliança é tanto física como espiritual. Os judeus são um povo físico. A aliança é aliança da carne. A Terra é lugar físico. Mas é também aliança do espírito, pois está conexa ao “andar nos Seus caminhos”.

Os judeus são um povo chamado à existência por Deus através eleição amorosa. Porquê Deus faria tal coisa? A Toráh nos conta a história dum Deus único que, diferente do Deus de Aristóteles, não era contente com contemplar a Si mesmo. É grande mistério, mas Deus que está essencialmente além da nossa percepção, quis um mundo em existência. Deu a Suas criaturas um único mandamento, o de não comer de certa fruta do Jardim de Éden. O quê, realmente, eles

fazem? Comem a
fruta.

E assim Deus, que
decidira
compartilhar o Seu
eu inefável, foi
negado. Não
demorou muito até
que a terra chegou
a ser corrupta
diante de Deus. E
assim Ele começou
de novo,
destruindo a
criação, juntando as
águas primordiais e
deixando somente
Noah e a família
deste. Mas também
isso não funciona,
pois logo que estão
fora da arca, Noah
se embriaga
descobrimdo-se.
Outra vez ladeira
abaixo - até a Toráh
começa a história
que funciona, isto
é o coração da saga
da Bíblia: a história
de Abraão e da sua
progênie, os
judeus.

A aliança não é
justamente
promissão ou
exortação geral
para perfeição.
Quando o Povo de
Israel se tornou
comunidade
grande, tendo
sofrido a servidão
do Faraó, o povo
está sendo redimido
com milagres
extraordinários.
Chega ao Sinai, e a

aliança ganha o seu conteúdo: as leis e estatutos dados aí e subsequente na Tenda de Encontro.

Vistes que
fiz aos
egípcios,
como vos
carreguei
em asas de
águias, traze
ndo-vos a
Mim. Agora,
então, se
Me obedecerdes
fielmente,
mantendo a
Minha
aliança,
sereis a
Minha
possessão
entesourada
entre todos
os povos.
De fato, toda
a terra é
Minha, mas
vós sereis
para Mim
um reino de
sacerdotes e
uma nação
santa.

Para os judeus, isso
é, não lisonja divina,
mas sim o fardo de
obrigação divina. E
isto, então, é a
definição teológica
dos judeus: um

povo físico
chamado para viver
num
relacionamento
especial com Deus.
Essa relação tem
conteúdo
específico. Há
recompensas pela
sua observância,
punições pelo seu
abandono.

Tal visão dos
judeus não é
talhada para caber
nas definições
sociológicas
normais dum povo,
duma comunidade
ou tribo. É até
possível que a
maioria dos judeus
sejam pouco
confortáveis com
essa sociologia
teológica. As
pessoas estão
sendo usualmente
mais satisfeitas
com retratando os
judeus ou como
grupo étnico ou
como comunidade
de fé desatada
dum povo. Mas isso
não é a noção dos
judeus na Bíblia e
na literatura judaica
posterior. Os judeus
são, por melhor ou
por pior, por mais
ricos ou mais
pobres, parceiros
com Deus numa
romance por vezes
tempestuosa e por
vezes idílica, num
casamento amoroso
que liga Deus e o
Povo de Israel
juntos para sempre,

dando o significado
mais profundo
possível à
existência judaica.

O resultado prático
de tudo isso é que a
primeira missão dos
judeus é para com
os judeus. Isso
significa que a
comunidade judaica
está atenta a
preservar a sua
identidade. Como
isso não acontece
sempre
naturalmente, é a
razão porque os
judeus falam uns
aos outros
constantemente
sobre forças
institucionais e a
capacidade de
comunidade de
educar as suas
crianças. Cria
aborrecimento de
casamento misto.
Explica a paixão de
estudar a Toráh.
As estacas são
altas na vida judaica
e, para não
abandonar Deus, a
comunidade
judaica gasta
grande parte de
energia olhando
para que a
comunidade de
aliança funcione.

A Missão de Testemunho

Isaias atesta um

papel que os judeus
jogam, e que vai
além deles
mesmos. “Minhas
testemunhas sois
vós - declara o
Senhor - o meu
servo, a quem
elegi.”

Os judeus são Suas
testemunhas de que
há um Deus no
mundo, o qual é seu
Criador, e que Ele
é um único e que os
ídolos não têm força
- “A Mim cada
joelho se deve
dobrar e cada
língua votar
lealdade” - e que o
poder de Deus é
poder redentor, um
mais temeroso do
que seres humanos
possam conceber.

Como se manifesta
o poder de Deus?
Na vida das nações,
inclusive na caída e
ascensão da
nação de Israel. E
está bem conhecido
pela Toráh e nos
livros proféticos que
o sofrimento de
Israel é entendido
para ser um
testemunho da
aliança de Deus
com Israel.

O que não está
sendo entendido,
pelo menos não
bastante bem, é

que Deus quer que as nações vejam a redenção de Israel, sendo impressionadas. Isso é, por exemplo, aquilo que Deus quer que o Faraó e o povo do Egito vejam. Não basta, aparentemente, redimir simplesmente o povo de Israel da servidão. A redenção está desenhada para ser pública, cheia de sinais e milagres. Pois é designada para ensinar à grande nação de Egito sobre o poder, a glória e o interesse do Deus de Israel no redimir escravos.

É também nesse sentido que o profeta Isaías fala dos judeus como “luz para as nações”. “Levanto as tribos de Jacó, restaurando os sobreviventes de Israel: Far-vos-ei também luz para as nações, *para que a Minha salvação possa alcançar os confins da terra.*” As nações verão a redenção do povo de Israel e se maravilharão. Aprenderão, portanto, se não o aprenderam antes, que o Senhor, o Deus de Israel,

restaura o Seu povo
e a Sua terra.

O arauto de alegria
para Sião diz:
“Deixa cada vale
ser elevada, cada
colina e monte
abaixados. Deixa o
solo rugoso tornar-
se nível e os
espinhaços
chegarem a ser
planos.” Isso não
é retórica sobre
alguma
manifestação
mística de Deus
transformando a
natureza. É
intrépida linguagem
figurada para falar
sobre a criação
duma estrada
extraordinária para
levar de volta o
povo exilado à sua
terra.

Quando gastarmos
boa parte de tempo
pensando sobre os
nossos pecados,
não é sofrimento
aquilo que é a
mensagem de
Deus. A mensagem
de Deus é o poder
de arrependimento
e o poder do Seu
amor como
manifestos na
redenção de Israel.
Uma das grandes
necessidades da
teologia, portanto,
será desatar-se da
mensagem de
sofrimento. A
grande mensagem

de Deus é o poder
de redenção. A
grande esperança
dos judeus é a sua
redenção e a
reconstrução do
seu estado de
nação. O
testemunho a ser
dado à luz, é o
testemunho de
Deus que redime o
Seu povo.

A Missão de Humanidade

A mensagem da
Bíblia é mensagem
e visão, não só a
Israel, mas sim a
toda a
humanidade. Isaías
fala duas vezes dos
judeus como luz
para os povos, e
fizemos alusão,
até agora, à sua
declaração no
capítulo quarenta-e-
nove. Que outra
coisa ele quer
dizer, quando fala
dos judeus como
“povo de aliança e
luz para as
nações”? O
comentador
medieval, David
Kimhi, vê a luz que
vem, como a luz da
Toráh que vem de
Sião. Já que a luz
da Toráh é paz, a
luz que vem
trazendo
mensagem da
bênção de paz, esta
que deve reinar
pelo mundo inteiro.

A visão messiânica
é: “E falará paz às
nações.” Assim,
Isaias nota que
naqueles tempos
“Ele julgará entre
as nações,
arbitrando para
muitos povos. E
baterão as suas
espadas para
serem relhas de
arado e as suas
lanças para
podões.”

É erro é ser como
Jonas, pensando
que Deus está
preocupado só com
os judeus. Quando
Jonas foi solicitado
para ir a Nínive, a
grande cidade
gentílica, Jonas
recusa o mando de
Deus de dizer ao
povo de Nínive que
se arrependam. Só
através de
sofrimento é que
aprende que a
palavra de Deus é
para os ninivitas
também.
Finalmente vai até
lá, e o povo de
Nínive convoca um
jejum. Grandes e
pequenos vestiram-
se em panos de
saco, até o rei.
Não só jejuaram,
pois a Bíblia diz que
“voltaram atrás dos
seus maus
caminhos”.

Embora se pudesse
ter pensado que

Jonas teria sido
impressionado pelo
seu sucesso, ele é
desolado - havendo
provavelmente duas
razões para isso.
Primeiro, creu que o
pecado deveria ser
punido, e que as
graças de Deus não
deveriam levar
embora aquela
punição. E
segundo, qual era
o povo de Nínive?
Que direito este
tinha a esperar a
preocupação íntima
e o amor
perdoador de
Deus?

Jonas sai da cidade
e se senta ao leste
dela, fazendo uma
tenda e sentando-
se na sombra dela.
E o Senhor faz um
cabaço crescer
acima dele,
provendo sombra
sobre a sua cabeça.
Jonas era feliz! Até
Deus ordenou um
verme na alvorada
do dia seguinte, que
atacou a planta até
que ela murchou. E,
a seguir, Deus
levantou um vento
suave do leste, e o
sol bateu sobre a
cabeça de Jonas
até que ele
desmaiou. E
desejou morrer.

A seguir, Deus diz a
Jonas: "És tão
profundamente

irado sobre a
planta? ...
Preocupas-te com a
planta, pela qual
não trabalhaste e
que não fizeste
crescer, a qual
apareceu de um dia
para outro e
pereceu um dia
para outro. E Eu
não Me deveria
preocupar com
Nínive, aquela
grande cidade, na
qual há mais que
doze miríades de
pessoas que ainda
não sabem
distinguir a sua mão
direita da esquerda,
e também muitos
animais!”

O Deus da Bíblia é
o Deus do mundo.
As Suas visões são
visões para tudo da
humanidade. O Seu
amor é amor que se
estende a cada
criatura.

O homem sofredor
das Escrituras, Jó,
não está sendo
retratado de modo
algum como se
seria um judeu.
Será isso para se
surpreender? O
sofrimento da
humanidade não
está limitado a um
povo particular. A
aliança possa fazer
esse assunto
particularmente
desagradável para
os judeus, mas

todos nós tentamos
chegar a termos
com o problema dos
retos que sofrem.
Jó é um ser
humano universal.
A chamada de Deus
de dentro do
vendável é a
chamada de Deus
pelo mundo inteiro
aos retos que
tentarem entender o
sentido do seu
fado.

O Deus que amou
Abraão - “Mas tu,
Israel Meu servo,
Jacó a quem
escolhi, a semente
de Abraão, aquele
que amo” - ama
todas as pessoas.
Pois Ele é o Criador
do mundo. Adão e
Eva eram as Suas
primeiras criações,
sendo criadas muito
antes do primeiro
judeu. São criados
“na imagem de
Deus”, como o são
todas as suas
crianças para a
eternidade.
Somente a criação
humana está na
imagem divina.

Deus criou o mundo
com somente um
ser original, diz o
Talmude, para
ensinar que cada
um que destruir
uma única alma
será como se teria
destruído o mundo
inteiro. E cada um

que salvar uma
única alma, será
como se teria
salvado o mundo
inteiro. E ensina o
conceito de paz no
mundo, assim que
ninguém deva dizer:
o meu pai é maior
que o teu pai.

“Não sereis como
os etíopes para
Mim, oh povo de
Israel? Diz o
Senhor. Não levei
Israel da terra do
Egito? E os filisteus
de Caftor, e os
araméus de Kir?”
Todos são povo de
Deus.

Quando Abraão
levanta com Deus o
assunto de justiça e
graça divinas, argúi
por causa do povo
de Sodoma, um
grupo pecaminoso.
Abraão molda o seu
desafio a Deus em
termos de Deus
agindo justamente.
Os inocentes não
deveriam sofrer. E o
desafio não está
sendo feito como
resultado de
qualquer relação
especial que
devolva a aliança
que Deus fez com
os judeus. Antes, a
Bíblia assume que
há justiça e graça
divinas que
prevalecem pelo
mundo inteiro.
Graça e justiça

reinam, porque o
Deus da Criação é
o Deus de graça e
justiça pelo
mundo.

Quando Amos
requer que “justiça
role para baixo
como água, e
retidão como
corrente
poderosa”, é
porque há um Deus
do mundo inteiro
que chama este à
justiça. Quando
Isaias pergunta
retoricamente pelo
que é o sentido do
jejum religioso,
responde que Deus
quer que os seres
humanos “percam
as cadeias de
maldade, para
soltar os laços do
jugo, para deixar
os oprimidos
andarem livres e
para quebrar
qualquer jugo. Não
será partilhar o teu
pão com os
famintos, e que
leves os pobres,
que estão jogados
fora, à tua casa?
Quando vires os
nus, que os cubras,
e não te escondas
da tua carne?”

O Judaísmo
assume que todas
as pessoas sejam
obrigadas a
observarem a lei
universal. Essa lei,
da qual se fala com

os Sete
mandamentos
noáquicos, é
aplicável a todos os
seres humanos.
Essas leis são: (1) o
estabelecimento de
cortes de justiça,
assim que a lei vá
reinar na sociedade,
e as proibições de
(2) blasfêmia, (3)
idolatria, (4) incesto,
(5) derramamento
de sangue, (6)
roubo e (7) comer
carne de animal
vivo.

Apesar do fato da
aliança,
Maimônides e os
árbitros
subseqüentes todos
deixam claro que
“os pios de todas
as nações do
mundo têm lugar no
mundo por vir”.

Portanto, no
Judaísmo, o valor
absoluto dos seres
humanos, a criação
destes na imagem
de Deus, bem como
a preocupação
dominante de Deus
por justiça e graça,
é a base de
comunidade
conjunta universal
dos criados,
comunidade essa
chamada a
responder ao amor
de Deus amando
os outros seres
humanos, erigindo
as estruturas de

sociedade que maximizem a prática de justiça e graça, engajando-se sem fim na exigência religiosa de trazer cura ao mundo quebrado.

Uma das orações centrais do Judaísmo o põe neste modo:
“Esperamos em Ti, Senhor nosso Deus, para ver prontamente a beleza do Teu poder, causar os ídolos passarem embora da terra e os falsos deuses serem derrubados, aperfeiçoar o mundo no Reinado do Todo-poderoso, onde toda a carne vai recorrer ao Teu nome, onde todos os maus da terra voltar-se-ão a Ti.”

*Letôqên `olóm
bemalkút Shadái,*
aperfeiçoar o mundo no reinado do Todo-poderoso.
Tiqún `olóm,
aperfeiçoamento ou reparo do mundo é tarefa conjunta de todos os judeus e de toda a humanidade.
Embora os judeus se vejam como vivendo num mundo o qual está ainda irredento, Deus quer que as

Suas criaturas
participem no
reparo do mundo.

Os Cristãos e os Judeus

Tendo examinado a
noção tripartite de
“missão” no
Judaísmo clássico,
há certas
conclusões práticas
que disso seguem,
conclusões essas
que também
sugerem agenda
comum para os
cristãos e para os
judeus.

Deve ser óbvio que
qualquer missão de
cristãos aos judeus
está em conflito
direto com a noção
judaica de que a
própria aliança é
essa missão. Ao
mesmo tempo, é
importante enfatizar
que não haja
necessidade para
as nações do
mundo abraçarem
o Judaísmo.
Enquanto há
variedades
teológicas, tais
como a crença na
unidade de Deus,
e virtudes sociais
práticas que levem
à criação duma
sociedade boa, e
que sejam
possíveis e
necessárias para a

humanidade em
geral para
compreender, não
requerem o
Judaísmo a fim de
redimir o indivíduo
ou a sociedade. *Os
pios de todas as
nações do mundo
têm lugar no mundo
por vir.*

Justamente tão
importante, porém,
é a idéia de que o
mundo precisa de
perfeição.
Enquanto os
cristãos e os judeus
entendem a
esperança
envolvida nessa
perfeição bem
diferentemente,
ainda, se estamos
aguardando pelo
messiah - como os
judeus crêem - ou
pela segunda
vinda do messiah -
como os cristãos
crêem -,
compartilhamos a
crença de que
vivemos num
mundo irredento
que anela pelo
reparo.

Porquê não articular
agenda comum?
Porquê não juntar
as nossas forças
espirituais para
nos expressar e agir
na base dos valores
que compartilhamos
em comum, e que
levam a reparar o
mundo irredento?

Trabalhamos juntos,
no passado, para
avançar a causa da
justiça social.
Marchamos juntos
por direitos civis;
defendemos a
causa dos operários
e trabalhadores
rurais; solicitamos o
nosso governo a
atender as
necessidades dos
pobres e dos sem
lar; e apelamos aos
líderes do nosso
país para procurar
desarmamento
nuclear. Esses são
somente uns
poucos assuntos
que nós judeus e
cristãos temos
dirigido em
combinação de
uns com os outros.

Para sugerir o que
poderíamos ainda
fazer juntos, vamos
olhar para alguns
modos concretos
como o Judaísmo
clássico toma idéias
teológicas,
transformando-as
em modos de
viver. E, se essas
forem pedras num
pavimento sobre o
qual andarmos
juntos, seremos
capazes de formar
uma estrada que
seja uma rota que
compartilhamos em
comum em direção
ao reparo da
humanidade e à
perfeição do
mundo.

Alguns Pensamentos Talmúdicos Sobre o Reparo do Mundo

Se bem que a
preocupação
profética pelos
necessitados seja
bem conhecida,
deverá ser
ênfatizado que está
no Talmude que os
específicos de fazer
bem estão sendo
expostos de tal
modo que cheguem
a ser as pedras
angulares da vida.

Tsedòquóh
(caridade) e obras
de benevolência
estão sendo
pesadas na balança
como iguais a todos
os mandamentos da
Toráh. A obrigação
de caridade dirige-
se aos pobres e as
obras de
benevolência
dirigem-se aos
pobres e os ricos. A
caridade dirige-se
aos vivos e as
obras de
benevolência
dirigem-se aos
vivos e aos mortos.
A caridade utiliza o
dinheiro da
pessoa, enquanto
as obras de
bondade utilizam o
dinheiro da pessoa
e a pessoa mesma.

Já nos tempos do Talmude, instituições caritativas para cuidar dos pobres foram estabelecidas e parte essencial da vida de comunidade. Quando, por exemplo, a Mishnáh ensina que um judeu deve celebrar o sêder de Páscoa com quatro copos de vinho, ela nota que a verba pública (*tamhúí*) deve prover aquele vinho para os pobres. Os pobres devem celebrar e sentir a dignidade de serem pessoas livres - e isso é a responsabilidade da comunidade. No entanto, ainda que as instituições caritativas sejam parte central da vida comunitária, Maimônides esclarece que a forma mais alta de caridade é fazer possível para alguém ganhar meio de vida ele mesmo.

A larga seção do Talmude que trata de lei civil e criminal, *Neziqín* ou *Danos*, especifica e protege a compensação de trabalhadores. Dá forma concreta para as proibições da

Toráh contra juros,
estendendo as leis
que proíbem juros
incluindo muitos
tipos de transações
financeiras que
parecem ser juros,
mesmo se não o
são. Tudo isso
está sendo feito a
fim de criar uma
economia, onde as
pessoas sejam
encorajadas a
ajudarem uma à
outra
financeiramente
como expressão do
seu
companheirismo
comum, antes de
modo de fazer
dinheiro.
Instrumentos
financeiros estão
sendo criados que
capacitem as
pessoas sem
fundo a chegarem a
ser parceiros com
outros antes de
serem
emprestadores -
outra maneira de
proteger a
dignidade humana,
encorajando o
desenvolvimento
duma sociedade,
onde essa
dignidade seja
manifesta na vida
cotidiana.

Atos de bondade
que são requeridos
e desenvolvidos em
detalhe pela lei,
incluem as
obrigações de
visitar os doentes e
confortar os

lamentantes. Os judeus estão sendo exortados para remir os cativos e prover para noivas, sepultar os mortos e dar as boas vindas às pessoas na sua mesa. O Talmude detalha a obrigação dos judeus a mostrarem deferência aos velhos. “Levantar-se” e mostrar sinais especiais de respeito aos velhos são respostas aos problemas físicos do envelhecimento. Enquanto o próprio senso de dignidade diminuir, a sociedade está sendo exortada a reforçar a dignidade do indivíduo.

Naturalmente, a lei judaica se dirige aos judeus, sendo a sua primeira preocupação encorajar a expressão de amor aos membros da comunidade. Não trata de sentimentos mas, principalmente, de ações. Ma é importante notar que muitas dessas ações são mandatárias a respeito de todas as pessoas. Assim o Talmude diz: “A gente deve prover pelas necessidades dos pobres

gentílicos como dos
pobres judaicos. A
gente precisa visitar
os doentes
gentílicos como
visita os doentes
judaicos. A gente
precisa cuidar do
enterro dum
gentílico,
justamente como a
gente precisa cuidar
do enterro dum
judeu. [Essas
obrigações são
universais] porque
esses são os
modos de paz.”

Os modos da Toráh
de paz manifestam
resposta prática à
criação sagrada da
humanidade na
imagem de Deus.
Ajudam a
aperfeiçoar o
mundo no Reinado
do Onipotente.

A humanidade não
precisa dum
caminho comum
que procure os
modos de paz? A
humanidade não
precisa duma visão
comum da natureza
sagrada da nossa
existência humana,
a qual possamos
ensinar à nossas
crianças e a qual
possamos nutrir nas
nossas
comunidades a fim
de promover os
modos de paz? A
humanidade não
precisa

comprometimento da sua
liderança religiosa,
dentro de cada fé e
para além de cada
fé, para juntar as
mãos e criar elos
que inspirem e
guiem a
humanidade a
chegar à sua
promissão sagrada?
Para os judeus e os
cristãos que
ouviram a chamada
de Deus para serem
bênção e luz para o
mundo, o desafio e
a missão são
claros.

Nada menos deve
ser o nosso desafio
- e isso é o
verdadeiro sentido
da missão em que
todos nós
precisamos
compartilhar.

Tradução: Pedro von